



*É POSSÍVEL NÃO ESCOLARIZAR A LITERATURA
NO COTIDIANO ESCOLAR?*

Simone Gremião Monteiro da Silva

Rio de Janeiro

2003

UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO

É POSSÍVEL NÃO ESCOLARIZAR A LITERATURA
NO COTIDIANO ESCOLAR?

Simone Gremião Monteiro da Silva

Professora Orientadora: Carmen Sanches Sampaio

*Monografia apresentada à Escola de Educação da
Universidade do Rio de Janeiro para a obtenção
de grau em Pedagogia.*

Rio de Janeiro

2003

“...um livro, uma página de livro apenas, por menos ainda, uma simples gravura em um exemplar antigo, herdado talvez da mãe ou da avó, poderá fertilizar o terreno no qual a primeira e delicada raiz desse impulso começa a se desenvolver”.

Walter Benjamin

A Deus,
pois sem a ajuda Dele certamente eu não conseguiria chegar
até aqui.

...

A minha mãe Nina,
pois é sua força e sua garra que a cada dia me encoraja a
continuar lutando por meu ideal.

...

A Todos que foram meus Alunos,
que muitas vezes me fizeram sentir aluna e que nunca serão
esquecidos.

...







Aos Livros,
que fazem prazerosos muitos momentos da minha vida.

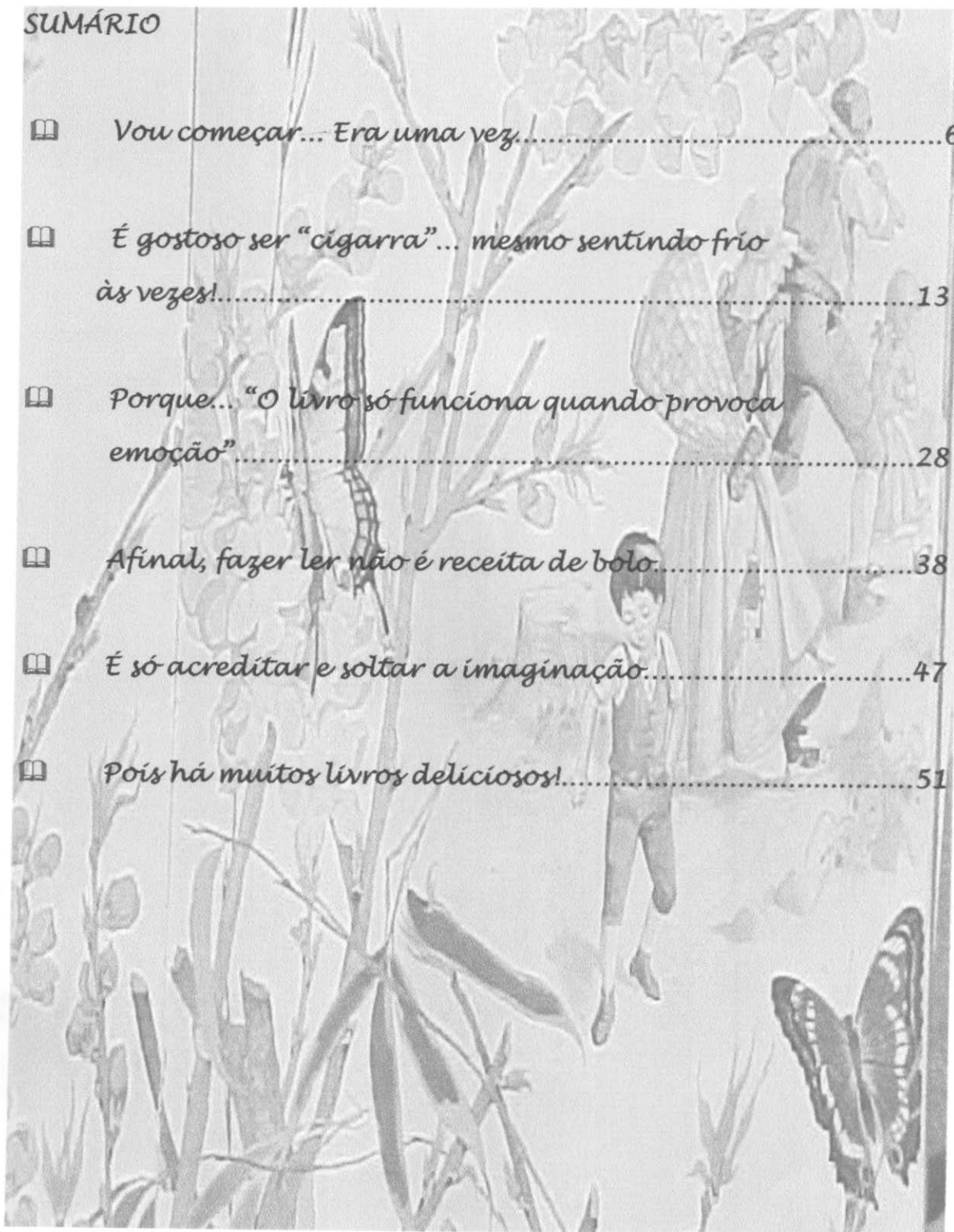
...

Ao meu Bebê que vai chegar,
pois ouvirá muitas histórias contadas por mim e que certamente
dará muitas gargalhadas comigo quando estiver conhecendo a
história do Menino Maluquinho.

...

SUMÁRIO

	<i>Vou começar... Era uma vez.....</i>	<i>6</i>
	<i>É gostoso ser “cigarra”... mesmo sentindo frio às vezes!.....</i>	<i>13</i>
	<i>Porque... “O livro só funciona quando provoca emoção”.....</i>	<i>28</i>
	<i>Afinal, fazer ler não é receita de bolo.....</i>	<i>38</i>
	<i>É só acreditar e soltar a imaginação.....</i>	<i>47</i>
	<i>Pois há muitos livros deliciosos!.....</i>	<i>51</i>





Vou começar... era uma vez...

Quem nunca estremeceu ao ouvir: Era uma vez?

Quem nunca saltou os olhos da imaginação diante dos fantásticos reis, rainhas, príncipes, princesas e castelos dos maravilhosos contos de fadas?

E quem nunca pediu: Conta outra vez?

Ainda guardo na memória, minha mãe, sentada junto a mim e meus dois irmãos, lá no meu quarto, antes de dormirmos, contando a história da Formiguinha que queria saber quem era mais forte: o Sol, a nuvem, a neve...

E aquele LOBO IMENSO? Com olhos, orelhas, nariz e boca - tudo muito grande! Que comia a vovó da Chapeuzinho Vermelho. Que me enchia de medo de também comer minhas avós e eu não estar por perto para chamar o caçador. Mas o lobo, depois que conheci a Chapeuzinho Amarelo, virou um Lobo-Bobo. Ou Bolo-Lobo!?

E falando em avós, como eu adorava ouvi-las contando sobre as histórias de suas vidas. A vida na roça, o leite das vacas, os bailes nos salões, os mistérios da escuridão da mata. A avó que menina veio do interior de Minas Gerais para a cidade grande. Trabalhou em casa de família. Casou-se com um lindo militar. E logo ela, tão negrinha, tão pequenina, que deu a mim e meus primos um monte de tios...

Na minha infância, eram tantas histórias, tantas sensações e movimentos, que a Simone acabou tornando-se a artista da família. Não me bastava apenas ouvir ou contar histórias, eu precisava dramatizá-las também. E era muito engraçado, minha mãe ficava doidinha comigo.

E foi assim mesmo, de história em história, contada, cantada, lida, que fui tomando o gosto pela leitura.

O livro "O Mistério de Memuã", que li quando estava na terceira série, foi para mim um macio travesseiro. Era só abrir as páginas daquele livro e começar a sonhar com a aldeia Kamayurá, com a Ilha de Marajó e ver de perto o encontro do índiozinho com seus pais verdadeiros.

São essas e tantas outras histórias que constituem meu passado, que me fazem despertar para um desejo contínuo e insustentável de através da literatura ser como "O Grilo Feliz: levar alegria para todo lugar".

E se ler pode ser divertido, alegre e prazeroso por que, não questionar e refletir sobre a escolarização da literatura?

Um dia entrei na minha sala de aula e apresentei aos alunos um "Menino muito Maluquinho". E realmente, os olhos daquelas crianças saltaram de curiosidade a cada página que eu folheava daquele livro. Isso tudo, aconteceu mais uma vez no ano seguinte, já com outra turma, em outra escola. E tinha até um Menino Maluquinho lá, acho que em todas as turmas há um. E o meu Menino Maluquinho, chamava-se Alexandre. Aquele "menorzinho, mas com pernas enormes que davam para abraçar o mundo" (Ziraldo, 1980), que fazia bagunça, falava alto, inventava histórias como ninguém. Sonhava, ria, e até chorava quando cantava uma música para a mamãe (isso aconteceu na festa do dia das mães).

Mas com o passar dos dias fui percebendo que quando somos obrigados a usar a literatura como eixo norteador para

o desenvolvimento de conteúdos pedagógicos, para alguns um livro que, no início, era tão lindo e cheio de magia, passa a ser objeto de repulsa. Tudo passa a girar em torno do livro a ser trabalhado. Produções de textos individuais ou coletivas, desenhos, murais cartazes, enfim, o "Menino Maluquinho e sua Turma" precisavam inclusive fazer parte dos "problemáticos problemas da matemática".

E isso me faz pensar que, se a literatura nos possibilita a ter ou sentir o gosto pela leitura, por que não poderia ela também, despertar na criança o desgosto pela leitura?

O que será da criança que desgosta de um livro? Da criança que aprende a esperar "tarefas" após as histórias ouvidas?

Eu enquanto professora leitora, queria ver hoje, meninas desejando ser princesas e meninos os cowboys que deveriam salvar as mocinhas (sem nenhuma sombra de machismo, é claro! Só por brincadeira).

Como eu gostaria de ouvir ainda mais, meus alunos dizendo que a noite ao deitarem, ouviram histórias contadas por suas mães, pais ou avós, como eu e meu irmão "do meio", Jorginho, ouvíamos da minha mãe, quando ainda éramos bem pequenos. É tão gostoso lembrar do Riquinho, meu irmão mais novo, contando a história, "O Gato e o Galo", sem ao menos saber falar direito.

Como eu gostaria de ver crianças ainda dramatizando a história da Dona Baratinha, colocando lenço na cabeça,

pegando os sapatos dos pais e cantando no final: "João Ratão caiu na panela de feijão"...

Como eu gostaria que da televisão, desaparecessem todos os desenhos que de animados não têm nada e só induzem cada vez mais a violência.

Como eu gostaria que os professores de literatura fossem parecidos com um dos meus professores, o Zé Luís, do Heitor Lira de quando eu fazia o segundo ano do Curso Normal, porque toda vez que ouço a música "Meu bem querer" de Djavan, lembro com saudades de suas românticas aulas.

E como eu gostaria de ser professora, como a Carmen é. Que tem um jeito fantástico de contar histórias. Que encanta a todos quando conta a história da "Fada que tinha idéias". Que consegue prender a atenção de cinquenta alunos em uma apertada sala de aula da universidade. E que reforçou em mim a vontade de questionar o comum autoritarismo literário nas escolas.

Contudo, posso perceber que uma característica bastante visível na criança é a curiosidade. Se aprende uma música, quer logo ensinar aos outros. Se ouve a história dos Três Porquinhos, vai logo com aquela boca enorme de lobo mau para cima do papai.

Toda criança é bem "EMÍLIA", pois parece que engole todo dia a pílula falante do Dr. Caramujo, e fala e pensa o que quer.

"Digo o que me vem a cabeça. Vou dizendo o que quero sem dar satisfação a ninguém porque não sou boneca ensinada..." (Emília - LOBATO, 1984:44)

Acredito, que seria muito bom, que toda criança que conseguisse ouvir e imaginar a música Ciranda do Anel...

*"Perdi meu anel no mar
não pude mais encontrar
e o mar me trouxe a concha
de presente pra me dar"... (BEDRAN, 2000)*

Pudesse mais tarde, já adulta, ser capaz de cantar para outros adultos a cantiga "Quintal":

*"Brincar, no quintal
pra renascer a criança
moleque levado, Saci Pereré
que quer brincar solto no mato
mas vive trancado dentro de você"
(BEDRAN, 2000)*

E soltar sempre a criança ouvinte, contadora e cantadora que não foi tolhida por uma pedagogia conservadora da literatura. Que soube nadar no mar das letrinhas, sem medo de se afogar nos versos de cada conto.

Hoje, enquanto professora da escola básica, me vejo premida a trabalhar com literatura, na contramão daquilo que acredito ser necessário à formação de leitores. Lendo um texto de Ezequiel Theodoro da Silva, concordo com ele, quando destaca:

*(...) "talvez, nós professores, devamos ser mais cigarras, descongelar a nossa imaginação, e o nosso potencial lúdico, do que as formigas operárias, sacrificando - cada vez mais - a nossa sensibilidade e nossos sentimentos, para nos enquadrarmos na tecnoburocracia escolar".
(SILVA, 1989:12)*

E é com base nas pesquisas de autores que dedicam-se ou dedicaram-se a busca da literatura vista como objeto de prazer, seja às crianças ou adultos, nas escolas, em casa ou em qualquer outro lugar, que vou procurar neste texto monográfico, refletir sobre a prática pedagógica nas turmas do ensino fundamental. Questionando, então:

- ↻ Qual a reação das crianças diante da utilização da literatura, no cotidiano da sala de aula?*
- ↻ É possível trabalhar a literatura sem escolarizá-la?*
- ↻ Nós professores, seríamos capazes de conseguir driblar as regras e sermos mais "cigarras que formigas"?*



É gostoso ser "cigarra"... mesmo sentindo frio às vezes!

Na verdade, não é nada fácil ser "cigarra" diante das inúmeras exigências feitas pelas instituições de ensino, no que diz respeito a inserção da literatura enquanto tópico interdisciplinar do currículo de Ensino Fundamental.

No início deste ano, estive obrigada pela escola que trabalhava a desenvolver um projeto literário baseado na vida e obra de Ziraldo. Toda a escola, mobilizou-se a procurar subsídios para que ao final de um trimestre todas as atividades realizadas pudessem estar expostas a observação dos pais.

Em meio a agitação que encontrava-se a escola, estava eu, diante de uma turma de 3ª série (a turma do menino Alexandre, o qual anteriormente disse ter sido o "meu Menino Maluquinho"), com a incumbência de realizar atividades que estivessem baseadas no livro "O Menino Maluquinho".

Lendo uma entrevista feita pela revista *Presença Pedagógica*, com a autora Fanny Abramovich, achei bastante válida sua consideração sobre o poder de influência que o professor leitor pode ter, para com a criança, que está em processo de formação.

"Se você não é um leitor apaixonado, você não vai transferir para o seu aluno a paixão, o maravilhamento, o encantamento, a emoção, a tristeza, o riso, o pique, a taquicardia que o livro lhe provocou". (ABRAMOVICH, 1995:8)

E esse livro, o do Maluquinho, desde a primeira vez que o vi de longe, me apaixonei. Acredito, que toda essa emoção, consegui transmitir aos meus alunos. Toda a taquicardia, tristeza, riso, encantamento, pique e maravilhamento aquelas crianças sentiam comigo, a cada página que íamos lendo juntos.

Lembrar da participação das crianças durante a leitura daquele livro, é para mim tarefa bastante prazerosa. Seus sentimentos e expressões, me fazem perceber que tanto eu, quanto o "Menino Maluquinho" estávamos participando de um momento único naquelas vidas, e que provavelmente não seremos esquecidos tão cedo, ou ousando um pouco mais, talvez sempre seremos lembrados.

Gratificante é poder lembrar:

*"Eu também pareço com o Menino Maluquinho.
Quando chego em casa, largo tudo espalhado!"
(Miguel - 9 anos)*

"Para mim, essa teoria dos lados, quer dizer que um dia todos os pais têm que se separar" (Luisa - 9 anos, filha de pais separados)

Quando Abramovich diz que nós professores devemos ser leitores apaixonados, penso que ler também pode ser tarefa fácil, como diz Ana Maria Machado:

(...)“ler pode ser como namorar. Quem acha que não gosta, é porque ainda não conseguiu ter prazer. Antes de entregar os pontos, pode valer a pena fazer uma troca. De namorado, ou de livro. De repente, dá certo”. (MACHADO, 2001:154)

Contudo, planejei uma série de atividades, para o projeto, mas nem todas obtiveram sucesso. Isso, porque na escola surgiam rumores sobre um determinado número de produções que deveriam ser feitas por turma, para que os responsáveis pudessem ver no dia da “tal” exposição o que seus filhos haviam aprendido. Como se nós professores, tivéssemos a capacidade de poder medir o que foi aprendido por um aluno sobre literatura.

Posso dizer que, não somente eu, mas boa parte das professoras, andávamos meio “amareladas de medo”, bem parecidas com a “Chapeuzinho Amarelo de Chico Buarque”. Medo de não conseguirmos dar conta de inventar tantas atividades. Parecíamos também com a “formiga”, que trabalhava, trabalhava e trabalhava, para que quando chegasse o inverno ela tivesse bastante reserva de comida e não precisasse sair e sentir frio.

Eu precisava, pensar, organizar quais atividades poderia desenvolver com aquela turma que estava tão sedenta das “maluquices” do Menino Maluquinho. Então, comecei a dar início aos exercícios, pois estava bastante preocupada e ansiosa com “as reservas que precisava ter para a chegada do inverno”.

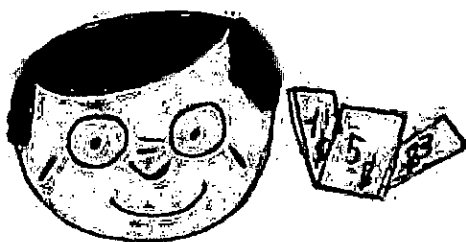
Na escola, todos os dias, tínhamos o hábito de ler o jornal do dia. As crianças gostavam muito e sempre escolhíam as

matérias que mais lhes chamavam a atenção. Naquele momento, estávamos vivendo tempos de guerra e todos eles mostravam-se indignadíssimos com tamanha agressão e desrespeito do presidente dos Estados Unidos, para com o povo iraquiano. E aproveitando o gancho do jornal, pois a turma já estava acostumada com essa atividade, resolvi trabalhar com eles, a produção de classificados.

A priori, os objetivos eram: procurar novos membros para a turma com características e personalidades diferentes e vender objetos que não eram mais necessários ao clube do Maluquinho. Mas a atividade não teve muito êxito. As crianças sentiam dificuldades em produzir os "tais" classificados. E eu, o tempo todo acreditando que eles iriam gostar do desafio, por estarem acostumados com os jornais. Na verdade, perdi as contas de quantas vezes ouvi-os dizer que não estavam conseguindo, que não sabiam fazer. Mas eu insistia, e eles bastante contrariados realizaram a atividade, que por fim, ao término do projeto não foi para a exposição, pois nem eu, nem a turma achamos coerente expor um trabalho que não foi realizado com entusiasmo.

Classificados produzidos pelas crianças:

PROCURA-SE UMA
PESOA RESPONSÁVEL PARA
O CLUB DO MALUQUINH
PARA PAGAR AS CON-
TAS



Miguel Sapede - 9 anos (aluno disléxico)

VEDE-SE UM PINI-
CO VELHO E USADO
POR 25 NOTAS UTRA
PASSADA E CADA UMA
DE LUGAR DIFERE
TE

No entanto, o que eu não imaginava, era que num dia, em meio a correria de mais uma dessas atividades sobre a produção dos classificados com base na turma do Menino Maluquinho, justamente o Alexandre, o que me parecia gostar mais do Maluquinho, o que melhor inventava histórias e roteiros que fazíamos, me disse desolado:

"Tia, já não agüento mais esse Menino Maluquinho!" (Alexandre - 9 anos)

E quando ouvi aquilo, mais que depressa percebi, que ser uma "formiga", não era nem um pouco bom. Nem pra mim, nem tampouco para os meus alunos. E foi a partir desse momento, que deixei de lado todos os meus esforços repetitivos e algumas vezes inúteis, e voltei-me a pensar literatura como fez "Xerazade"; que venceu a morte contando história. Pois para mim, a afirmativa de Alexandre sobre o Menino Maluquinho, foi como se realmente esse personagem tivesse sido golpeado, e estivesse prestes a morrer no coração e na imaginação daquela criança.

Concordo com Sorrenti, quando diz:

(...) "o leitor infantil é sobretudo um leitor crítico. E mais: a criança é espontânea... O que não gosta, ela não digere. E se a escola obriga, vai aos trancos e barrancos para não perder nota, mas como dizia Lobato: Fica vacinada contra a leitura para sempre..." (SORRENTI, 1995:24)

E foi por pouco, talvez, bem pouco mesmo, que eles tiveram a sorte de não terem sido vacinados!

Certamente, acredito que o que os tenha salvo, foi eu ter soltado a "cigarra" que estava escondida dentro de mim. Fazendo toda aquela cantoria, como se estivesse anunciando a chegada do verão.

Na verdade o que aconteceu em minha sala de aula foi uma revolução. Sentei e conversei com a turma. Disse as crianças que eu gostaria muito que tivessem prazer ao realizar as atividades do projeto e não que cada trabalho fosse um martírio.

E aconteceu que, durante uma das nossas discussões sobre as tarefas que faríamos, eis que surgiu uma idéia bem legal. Todos os alunos, tinham o hábito de ler gibis, e por conta desse hábito, a Luísa, descobriu que Maurício de Souza, havia feito uns quadrões sobre a Turma da Mônica, e sugeriu que nós, fizéssemos também uma história em quadrões da Turma do Menino Maluquinho. Nossa! Esse trabalho realmente foi um sucesso! Todos ficaram empolgadíssimos. Cada criança imediatamente identificou-se com um personagem da turma. Sobrou até para mim. Eles disseram que eu era a Carol, porque meus cabelos são enrolados como o dela, e porque é ela quem tem mais juízo dentre todos da turma.

Foi o Alexandre, que sugeriu o tema da nossa história. A idéia foi de um verdadeiro "Plano Infalível", onde o Maluquinho e sua turma planejavam a derrota do diretor da escola. Pensando um pouco além, dá até para perceber, que nas

entrelinhas dessa história, a turma tenta fazer um protesto contra a postura dos diretores de escolas que utilizam-se do poder de sua autoridade para ditar normas e regras, sem preocuparem-se com os direitos de voz e vez que cada cidadão tem.

A cada quadrão que íamos elaborando dessa história, parecia que a adrenalina de cada um aumentava descontroladamente. Todos falavam ao mesmo tempo. E davam as idéias mais mirabolantes acerca do "Plano Infalível" para acabar com o diretor da escola. Mas como meus alunos eram crianças bastante camaradas, o Marcelo achou por bem acrescentar um toque de comédia ao texto. E nem tudo que a turminha do Maluquinho planejou deu certo. Basta observarmos o texto que segue, criado com muita alegria por: Alexandre Leitão, Luísa Triers, Marcelo Smith, Miguel Sapede e Vinícius Bandeira.

O Plano Infalível

Maluquinho: Junin, tive uma grande idéia! Acabar com o diretor da escola.

Junin: Estou pensando num plano, mas não estou gostando nada disso.

Maluquinho: Junin, qual é seu plano?

Junin: Vamos deixar para depois, agora vamos chamar a turma.

Hermami: Carol, ouvi o Maluquinho dizer que ele quer fazer um plano para acabar com o diretor da escola.

Carol: Não estou gostando nada disso. Isso pode ser perigoso, esse plano vai dar errado!

(A turma aparece conversando sobre o plano)

(A turma na escola indo preparar o plano)

Diretor: Maluquinho!!!! (O diretor, levando um choque na maçaneta da porta)

Diretor: Maluquinho! Você e sua turma estão de castigo! Vão limpar o pátio todo depois do lanche!

(A turma varrendo o pátio da escola)

Carol: Eu não disse que esse plano ia dar errado!

Maluquinho: Vamos fazer um plano para sairmos daqui?

A turma: Não!!!!!!!

Com essa experiência, posso dizer que através da sensibilidade que a literatura pode proporcionar aos leitores apaixonados, pude perceber o quanto cada um foi sensível ao criar o seu quadrão (cada criança ficou responsável por ilustrar dois quadros da história). Nesse momento, me certifiquei que se existe prazer e vontade, não é necessário exigirmos de nossos alunos atividades compensatórias e avaliativas sobre literatura. Basta apenas, que a criança queira. E nós professores e escolas, permitirmos que ela descubra o maravilhoso mundo da leitura. Porque, quando ela conseguir encontrar-se nesse carrossel literário, (digo carrossel, pois: Quem nunca ficou fascinado, diante de um carrossel?) ela mesma sentirá a necessidade de exteriorizar "a taquicardia, o riso, o pique, o encantamento..." que um livro lhe causou.

E desde então, eu e a turma, pensávamos sempre juntos nas atividades que faríamos. Pesquisamos sobre a vida de Ziraldo, e tivemos como resultado, uma belíssima campanha contra o tabagismo, pois cada um deles tinha no mínimo uma pessoa fumante na família, e nós descobrimos que o próprio Ziraldo, há uns anos atrás, fazia cartazes de combate ao fumo, e mesmo assim, continuava fumando. Todos se empenharam, desenharam, fizeram cartazes... e desenvolvemos um folder bastante explicativo.

Observemos algumas produções da campanha:

NÃO FUME!

FUMAR FAZ MAL E PODE CAUSAR VÁRIAS DOENÇAS, COMO POR EXEMPLO O CÂNCER QUE ÀS VEZES NÃO TEM CURA, POR ISSO VOCÊ PODE MORRER. ENTÃO PARE! (Luísa)



(Vinícius)

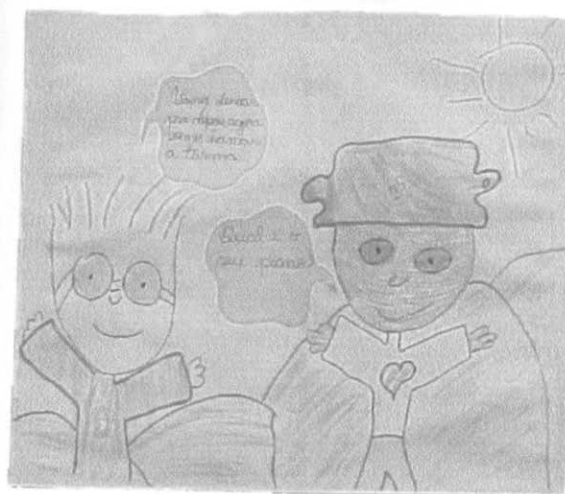
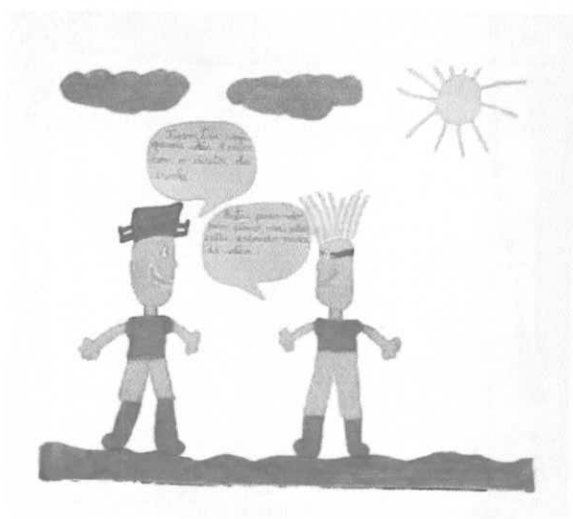
NÃO FUME, PODE SER FATAL E FAZ MUITO MAL E AS PESSOAS QUE FUMAM TÊM CÂNCER E MUITAS VEZES MORREM. CUIDADO PARA NÃO SER UMA VÍTIMA! (Alexandre)

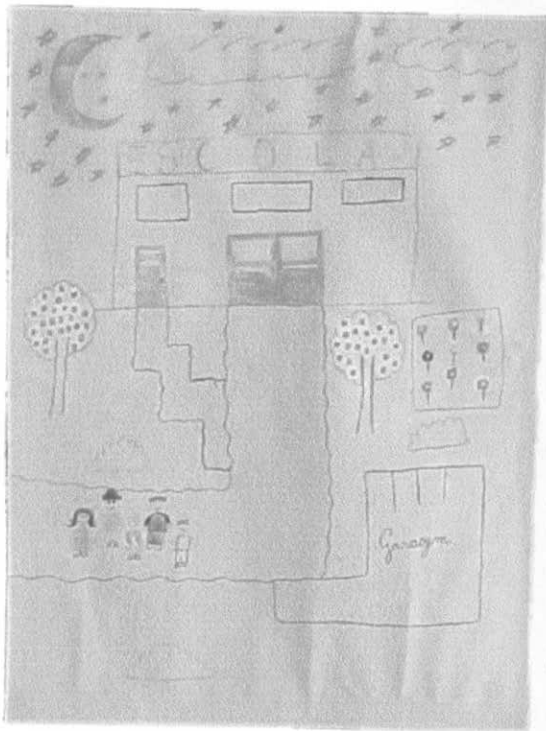
Após a decisão que tomei de me tornar "cigarra", sem preocupar-me com o frio que já estava por vir, foi que pude perceber, que meus alunos, como diz Ana Maria Machado:

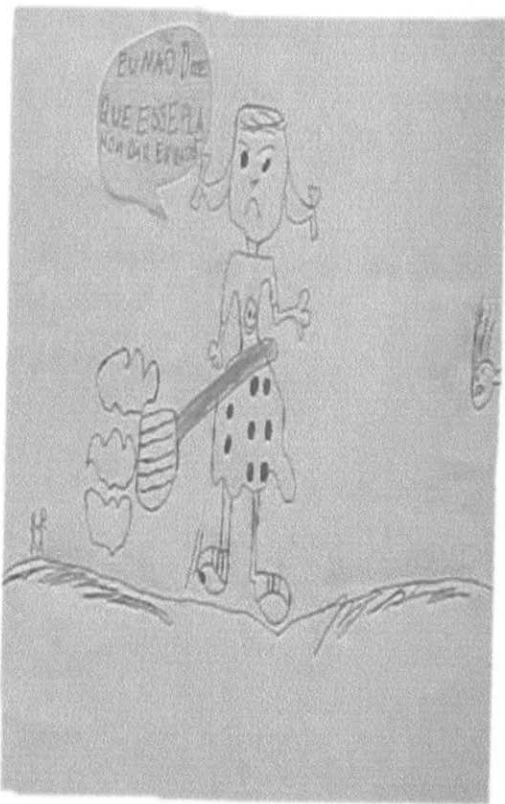
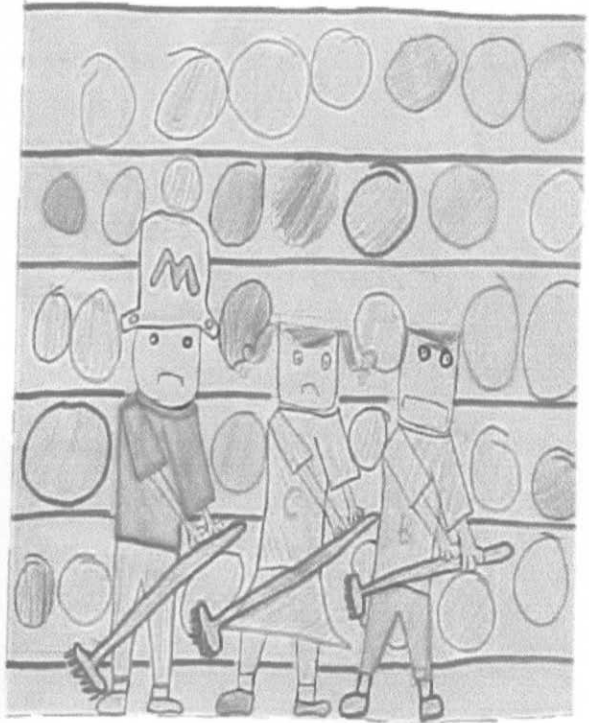
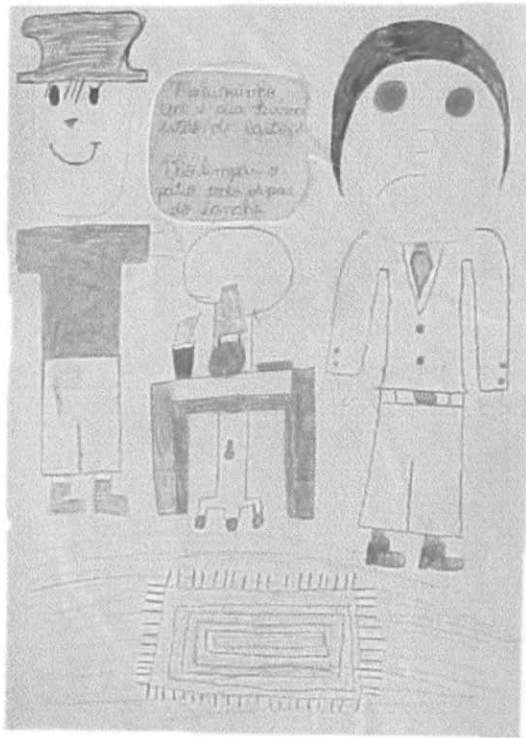
(...) "com toda certeza terão despertada sua vocação de leitores e carregarão pela vida afora a curiosidade pelo que os livros escondem e a tentação irresistível de ler o que lhes cair nas mãos."
(MACHADO, 2001:114)

Isso porque só de lembrar da empolgação, das caras, e até das discordâncias das crianças, fico bastante gratificada, pois sinto que consegui ajudar meus alunos a sentirem o maravilhamento que uma história pode lhes proporcionar. E realmente, foi mesmo, aquela "história em quadrões", feita em conjunto que marcou não só nossa turma, mas marcou também minha vida enquanto professora, pois sei que ainda terei muitas e muitas histórias para contar.

Imagens da história em quadrões:









Porque...“O livro só funciona quando provoca emoção”

Vivendo num país que se lê pouco, onde não é comum vermos pessoas lendo em ambientes públicos e que quase não valoriza a literatura nacional, podemos dizer que é muito difícil crer no milagre de que toda criança leia num "mundo" que lê pouco. Se a criança não tem como rotina observar a leitura e o comentário do jornal diário em sua casa, na escola... em seu meio, se ela não vê seus pais lendo um livro para poder perguntar sobre o que ele conta.. Qual a possibilidade dela penetrar num círculo literário-cultural?

Percebendo que, o mundo da leitura pode acontecer de acordo com a leitura de mundo que cada um tem ou faz, podemos então refletir sobre as diferentes crianças, que espalham-se por todo o Brasil. Semelhantes em alguns aspectos, mas com vidas e realidades diferentes, tendo por exemplo, que responder a um mesmo encarte (de livro). Este, por sua vez, que tem como objetivo, medir e quantificar, o que cada aluno consegue absorver sobre determinada obra. Esse tipo de exercício, que sai pronto das editoras, e vai direto às escolas, normalmente não são bem analisados pelos professores. Porque provavelmente para eles, é muito mais prático exigir uma tarefa pronta, já que no livro que chega para o professor os encartes estão até respondidos. Desta maneira "não há necessidade" de trabalhar em cima de algo, de criar, de pensar tarefas mais interessantes à realidade de seus alunos. E, por conseqüência, muitos professores acabam entregando-se a questão da escolarização da literatura e termina cabendo às crianças responder as perguntas previamente formuladas.

Acredito ser bem mais eficaz e interessante, que cada um possa tirar suas próprias conclusões sobre aquilo que lê. Se gostou ou não e por qual motivo. A partir da troca, das informações e conhecimentos de cada um, a narrativa em sala de aula pode ser enriquecida.

"É nesse diálogo que as atividades de leitura adquirem sentido e podem, agora sim, tornar-se práticas significantes". (LAJOLA, 1994:73)

Essa narrativa, podemos dizer que é o momento do prazer intelectual, onde professores tornam-se alunos e alunos tornam-se professores, onde nem todos terão a mesma opinião e onde as discordâncias serão o plano de fundo para a aquisição de novos conceitos entre ambas as partes.

Desde então, vejo que uniformizar a interpretação dos textos literários, pode limitar o aluno a caminhar adiante no mundo da leitura. A criança que acostuma-se a ter sempre alguém para escolher e determinar o que ela deverá ler ou fazer, provavelmente não correrá atrás de um livro, pois não terá vivido a experiência de escolher o que mais lhe agrada ou desafia.

Vivina de Assis Viana, diz que:

"Se a criança descobrir que livro faz rir, faz chorar, faz dar pulo, ter raiva, talvez tenha vontade de correr atrás do livro como corre atrás da bola". (VIANA, 1995:7)

Sendo toda criança meio "Emília", imaginemos o que seria da boneca Emília de Lobato se não pudesse perguntar, deduzir, afirmar, como sempre faz em cada uma das fantásticas narrativas do autor?

Enquanto o professor está sempre dizendo que tarefas seus alunos deverão realizar após cada leitura, posso perceber que em algumas crianças, cada vez mais, diminui o empenho de vasculhar uma sala de leitura, isso por saber que junto a um maravilhoso livro vem sempre uma tarefa para ser realizada.

Essa experiência, pude ver com bastante realidade na escola que desenvolvi o projeto do Ziraldo. Lá, nós tínhamos um outro projeto, chamado Vai e Vem, que acontecia durante todo o ano, cujo eixo norteador era também a literatura. A intenção desse projeto era que cada aluno levasse um livro da sala de leitura para casa no fim de semana para poder ler. Contudo, junto ao livro ia uma ficha de exercício que a criança teria de me entregar na segunda-feira. Mesmo que eu combinasse com eles que tipo de exercício seria feito, com o passar do tempo, pude perceber que as crianças, a cada dia escolhiam livros pequenos, sem preocuparem-se com a história. Livros que seriam lidos com mais rapidez e, conseqüentemente, a produção do exercício também não lhes tomaria o tempo que tinham no fim de semana.

Vejamos mais abaixo, algumas produções dos alunos sobre o projeto Vai e Vem, as quais tive a preocupação de variar o estilo dos exercícios.

Mesmo tendo que escolarizar o texto literário, tentei diversas vezes não exigir dos alunos tarefas dissertativas, como por exemplo: fazer redações, ou escrever sobre a história. Em alguns dos exercícios do projeto, também não me preocupei com a correção, pois meu objetivo era de apenas colocar meu aluno em contato com a literatura e não fazer dela, suporte para o ensino de gramática, pois isso eu já era obrigada a fazer quando tinha que corrigir palavra por palavra das produções de texto feitas pelas crianças em seus cadernos de produções de texto.

Projeto VAI-E-VEM - Letriobax em Ação

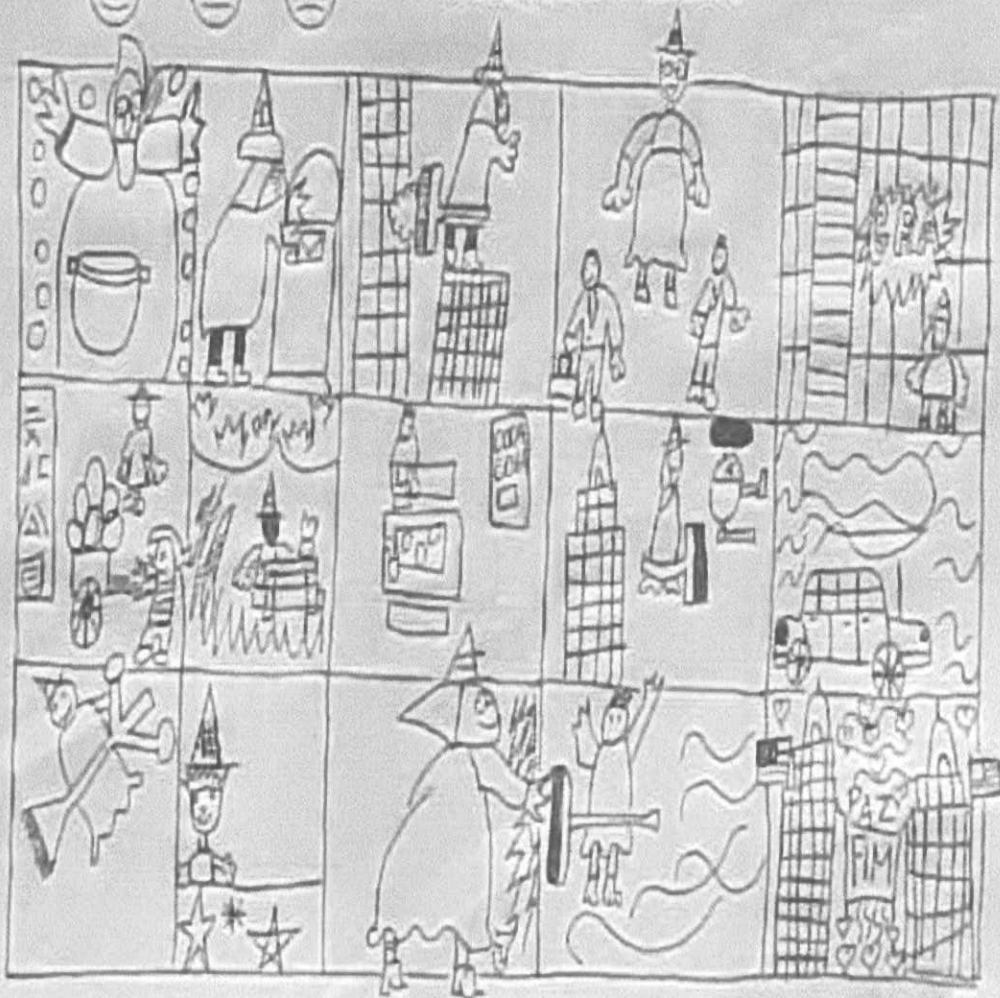
História: Bruca Velha na Nova Jorge

Data: 28.03.2008

Mista opala:



TRABALHANDO A HISTÓRIA:



Kimelius



Projeto VAE/AVEM - Letralbas em Ação

Aluna: Juliana

História: Barba Azul

Data: 27.04.03

Modo gráfico



TRABALHANDO A HISTÓRIA

Julia

Hoje eu li uma história muito legal e vou te contar: um dia a bruxa Uilda mandou as fadas para a história de Barba Azul, aí elas entraram no castelo dela e foram falar com a esposa dele, então elas pediram para a esposa para deixar elas conhecerem o castelo mas quando chegaram não perceberam Barba Azul vestido de mago interessaram no cavendo mas tiveram que pular em um lago cheio de crocodilos, depois ela desenhou uma corda, elas subiram e a Bruxa Uilda mandou elas para casa.

★ FIM ★

Entendo que, a literatura, não deva ter como função ensinar os conteúdos disciplinares. Nem deve também ser vista como único caminho viável dentro da escola para o incentivo à cultura. Nesse projeto *Vai e Vem*, acredito haver até boa intenção por parte da escola de trabalhar com a literatura. Mas essa preocupação acabava se reduzindo sempre a tarefas sobre a história.

Segundo Fanny Abramovich:

"É através duma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra ética, outra ótica... E ficar sabendo História, Geografia, Filosofia, Política, Sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula... Porque, se tiver, deixa de ser literatura, deixa de ser prazer e passa a ser Didática, que é outro departamento (não tão preocupado em abrir as portas da compreensão do mundo)". (ABRAMOVICH, 1995:17)

O projeto *Vai e Vem*, se não estivesse pautado na escolarização da literatura, certamente seria um caminho bastante prazeroso para o desenvolvimento da paixão de ler.

Muitas vezes, tive crianças que sentiam-se mal por acharem que "não sabiam desenhar", quando por exemplo a solicitação do trabalho era a elaboração de um desenho.

Uma situação, bastante incômoda, foi ter ouvido uma mãe reclamar que achou muito difícil encontrar algum tipo de

texto que pudesse lembrar a história lida por seu filho. Afinal, de quem era a tarefa?

Realmente, não é fácil concordar com uma prática escolar que ao invés de aproximar a criança da literatura, na verdade acaba algumas vezes distanciando-a. Pois acontece, que além da criança ter de levar para casa um exercício junto ao livro que escolheu, acaba que nem sempre é ela quem realiza a atividade.

Jacqueline de Fátima dos Santos Moraes, quando disserta sobre "Histórias e Narrativas na Educação Infantil", diz que:

(...) "diante de uma boa história, todo ouvinte tende a sentir-se contagiado e a desejar que não cesse de pronto a experiência estética que vive".

(MORAIS, 2002:82)

Não seria muito mais interessante a prática da roda de leitura? Nessa roda, contaria quem quisesse. E provavelmente com o passar do tempo, todos estariam habituados com a relação ouvir e contar história. Certamente, o "era uma vez" de cada um, teria sentidos e emoções diferentes.

"Não lemos Carlos Drummond de Andrade... ou Clarisse Linspector por disciplina. Lemos, ou desejamos ler, pela sedução que estes autores provocam, pela fantasia que alimentam, pela promessa de um encontro marcado com um tempo e um lugar: o da narrativa". (idem, p.87)

A afirmativa de Jacqueline Morais, mais uma vez nos leva a perceber que a criança, quando em contato com o livro, está diante de inúmeras possibilidades de aprendizado, pois a literatura além do prazer, vem recheada de linguagens que possibilitam o encontro com um outro mundo. E todos esses benefícios que a literatura pode proporcionar, não deve servir de atributo ou argumento para a escola estar tão dependente da literatura como nos dias atuais. Precisamos acordar para o fato de que a literatura não é, nem deverá ser mais um complemento das outras atividades pedagógicas. Afinal!, como diz Vivina de Assis Viana, "o livro só funciona quando provoca emoção".



Afinal, fazer ler não é receita de bolo

Como conseguir incentivar a leitura, em um ambiente onde as pessoas não estão muito preocupadas em descobrir um bom livro? Onde poucas são as bibliotecas, e as quais quase não são freqüentadas, ou onde os próprios profissionais da educação preferem encarar com naturalidade o comodismo que alguns péssimos livros pode lhes proporcionar?

Realmente não é muito fácil pensar em uma resolução para esse problema. Formar leitores apaixonados.

Certamente, um passo bastante coerente ao avanço dessa questão seria "a escola, como espaço e momento da salvação da literatura" (Machado, 19XX:117). Mas como bem sabemos é natural da criança copiar o que o adulto faz, é incoerente acreditar que um aluno sentirá o gosto pela leitura, se ele não tem um exemplo a ser seguido. É como escovar os dentes após as refeições. Se o adulto não os escova, a criança também não irá escovar, e se o professor não é leitor, dificilmente seu aluno poderá se formar um leitor.

Mas a salvação estando na escola, torna-se difícil acreditarmos em santos que não são capazes de realizarem milagres. Porque se nós temos um quadro de professores que não são leitores apaixonados, podemos dizer, que surge a "tal" receita de bolo. Aquela receita, que no fim acaba sempre saindo de um daqueles gigantescos livros empoeirados, parecidíssimos com os livros de magia dos Ursinhos Game.

Como diz Abramovich...

"É preciso que o professor leia mais, devore páginas e parágrafos, chegue ao final com o coração batendo acelerado, ..., se delicie com a graça de algumas falas ou situações, se lembre do que sentia quando também era criança ou jovem, descubra novidades no jeito de contar, se emocione. Que se divirta, se entristeça, que a risada surja solta e gargalhante. Daí ele escolherá um livro apaixonante pros seus alunos, e eles também farão uma leitura apaixonante". (ABRAMOVICH, 1997)

A verdade é que, quem faz uma escola são os alunos e nós, professores. Principalmente nós, porque temos a responsabilidade de incentivar nossos alunos, de motivá-los "de transmitir o fogo sagrado à geração seguinte" (Machado, 2001: 118).

"Conta uma história, que há algum tempo, não muito atrás, certa garotinha nasceu e logo ficou órfã. Então ela ainda bebê teve de ir morar com seus avós. Essa garotinha era muito amada por eles, e desde bebê todos os dias quando sua avó ia niná-la para dormir, contava-lhe sempre uma história. Eram histórias de príncipes, princesas, fadas, castelos, bruxas... histórias alegres e tristes, de amor e até histórias do dia a dia. E a garotinha foi crescendo, ouvindo sempre aquelas histórias.

Como deve acontecer com toda criança, chegou o tempo dela ir para a escola. E sua ansiedade de conhecer um lugar no qual sua avó sempre lhe dizia ser magnífico, e onde ela iria aprender a ler muitas das histórias que até então só tinha

ouvido, era muito grande. A garotinha fantasiava aquele monte de livros. Seus cheiros e sabores, pensava nas histórias que poderia contar para sua professora e novos amigos, além das histórias que acreditava poder ouvir deles.

Mas para surpresa e decepção da garotinha, nada daquilo que ela imaginava acontecia, dia após dia eram só exercícios e mais exercícios. História que era bom, nada! E quando a garotinha tentava pedir que sua professora contasse, uma história que fosse, a professora repetia:

— Não temos tempo para essas coisas!

E a garotinha que não era nem um pouquinho boba, resolveu aos poucos tentar convencer sua professora que todos nós precisamos das histórias em nossas vidas.

A cada trabalho que a garotinha fazia, fosse de português, matemática, ciências... enfim, e entregava para a professora corrigir ou avaliar, no verso da folha ou no canto do caderno, ela escrevia um trechinho de história, até que essa se completasse. E era assim, dia após dia, a garotinha fazia como todas as noites sua avó continuava fazendo para ela. Histórias de príncipes, princesas, fadas, castelos, bruxas... histórias alegres e tristes de amor e até histórias do dia a dia.

E a professora por mais que tivesse aquela "cara carrancuda" e vivesse cheia de preocupações, também não era nada boba. Ela começou a pensar no porquê daquela garotinha, tão pequenina, em meio a tantas outras crianças dentro de uma escola tão grande, continuar a insistir naquela "história de histórias". E foi aí que a professora começou a

recordar de quando também era uma garotinha. De sua mãe que todos os dias lhe contava histórias, dos livros que seu pai sempre trazia de uma feira que havia próximo de sua cidade, de como seus livros eram melados de pirulito, pois adorava se deliciar com pirulitos quando lia contos de fada e de como ela gostava de ouvir e contar histórias.

Essa professora, foi percebendo que com o passar dos anos de sua vida, aos poucos todo esse mundo encantado foi desaparecendo. Cada página da história de sua infância foi jogada pelo caminho, e bem diferente de "Joãozinho e Maria", não conseguiu achar o caminho de volta para casa. Mas como dito antes essa professora não era nada boba, tratou logo de parar de perder tempo com tantas regras e normas que havia inventado. Olhou nos olhos daquela garotinha e viu que toda aquela magia que estava lá também deveria estar nos olhos das outras crianças, dos outros alunos que talvez nunca tivessem tido uma sequer experiência com o mundo da leitura.

Dalí em diante, a escola, transformou-se no "mundo maravilhoso" para a garotinha e para as outras crianças, porque aquela professora continuava sendo sim a mesma, mas a mesma de quando era criança.

A garotinha continuou escrevendo suas histórias no verso das atividades que fazia. A cada dia, ao menos uma criança tinha uma história para contar. E ela, não imaginava o quanto sua atitude mexeu e modificou a vida daquela professora. E hoje quem ouve esta história sabe que aquela

garotinha e aquela professora foram felizes por muitos e muitos tempos”.

Através desta história, mais uma vez podemos perceber que a salvação da literatura pode estar realmente na escola e principalmente na relação professor aluno. Paulo Freire em *Pedagogia da Autonomia*, enfatiza a questão: “não há docência sem discência”. Para ele, o homem e a mulher são os únicos seres capazes de aprender com alegria e esperança, na convicção de que a mudança é possível. Aprender é uma descoberta criadora, com abertura ao risco e a aventura do ser, pois ensinando se aprende e aprendendo se ensina.

“Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”. (FREIRE, 1997:25)

Neste caso foi preciso que a garotinha deixasse a condição discente e passa-se a ser a docente, interferindo na vida da professora, para que a salvação chegasse até ela.

A professora desta história pôde ser capaz de ser aluna e aprender com tudo de importante que a sua aluna tinha para lhe oferecer. Foi através da história de vida daquela garota, que indiretamente acabou sendo contada aos poucos nos

rodapés de seus livros e cadernos que, incentivou a professora a ter um outro olhar acerca de sua prática cotidiana.

Segundo Carmen Sanchez Sampaio:

"Possuindo uma visão fragmentada do conhecimento e da realidade, a professora age do mesmo modo com seus alunos". (SAMPAIO, 1993:57)

Acredito que a professora desta história, por conta de um sistema pedagógico que deveria ter de seguir, acabou engavetando sua paixão pela leitura por muito tempo. Mas como toda paixão, ainda que se apague, sempre deixa um reflexo em algum canto do coração, através daquela garotinha, sua paixão pela leitura, pôde ressurgir. Bastou apenas alguém chegar, para fazê-la recordar e renascer para aquela paixão.

O professor quando é um apaixonado, certamente poderá despertar em seu aluno o gosto pela leitura.

Acredito, que a escola e os professores precisam não mais juntar ao longo dos anos "receitas", que com o passar do tempo acabam envelhecendo e ficando empoeiradas. Antes de quereremos ensinar nossos alunos a gostarem de ler, precisamos nos perguntar: "Livro por que te quero?" e quando soubermos a resposta, talvez possamos dar a dica a eles, pedindo que também se façam a mesma pergunta.

Que interessante deveria ser, a resposta que o personagem criado por Monteiro Lobato, "Visconde de Sabugosa" poderia dar a esta pergunta! Podemos até imaginar, ele dizendo com

base em todas as teorias e fórmulas que descobrira na biblioteca do "Sítio" o seguinte:

Livro, te quero...

*"Porque me faz viajar por vários lugares,
terras distantes e reinos encantados.
Me faz ir à Lua e a outros planetas,
me fazendo voar por entre os cometas.*

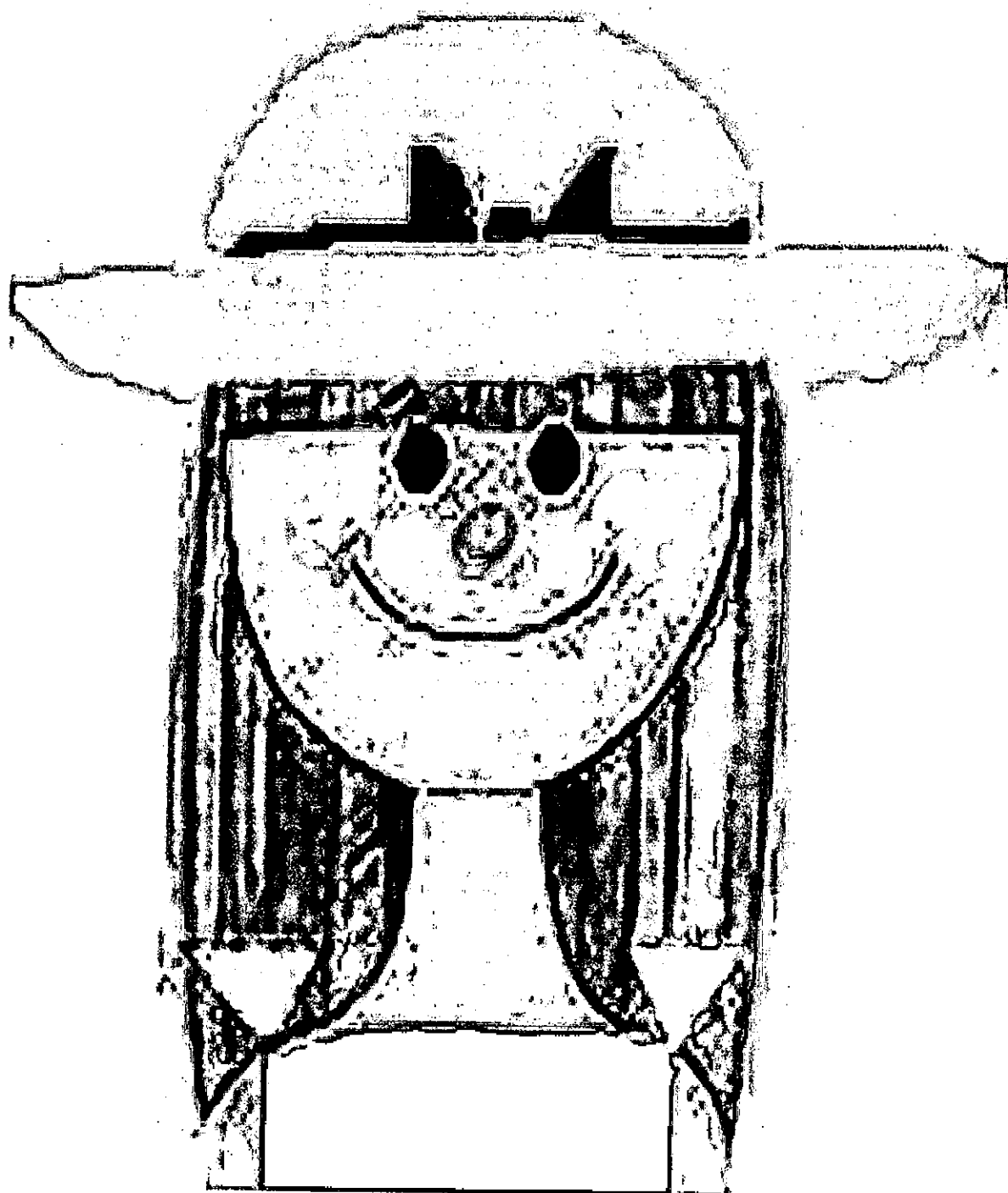
*Me faz ser um rei, ou um Pequeno Príncipe
vivendo aventuras que pra muitos não existem.
Te quero porque me conduz ao mundo da imaginação,
me faz conhecer mais fundo, os encantos da escuridão."*

Nós professores precisamos fazer a nossa "cantoria" todos os dias em sala de aula, precisamos perceber que:

(...) "a literatura oferece à criança além da oportunidade do contato com o lúdico, o despertar da atenção, do raciocínio, da criatividade e permite um contato autêntico com a escrita".

(VARLOTTA, 1987:35)

Fazer ler não pode ser como copiar uma receita de bolo, porque o livro é a matéria-prima das emoções, do prazer, do espírito-lúdico, das idéias, valores e sentimentos que governam a vida, ou transfiguram a vida em arte. E se a vida é uma arte, não precisamos de nenhuma receita para vivê-la, pois para fazer arte não há receita apenas imaginação.



É só acreditar e soltar a imaginação

Falar sobre literatura para mim, é muito mais que apenas pensar na sua escolarização, é poder lembrar da minha infância, das canções que sempre iniciavam as histórias na hora do conto no meu jardim, de como ia longe minha imaginação com as cantigas de roda, como "Escravos de Job, Cirandinha, A Rosa Juvenil, Terezinha de Jesus" e muitas outras. É recordar com saudades as fugidas que dava da sala de aula para poder visitar a sala de leitura da escola que eu estudava quando era do antigo primário, por muitas vezes só conseguia ficar por lá alguns minutinhos e na maioria das vezes só dava tempo de folhear alguns livros.

Acredito, que o que me inspirou a ser professora foi o prazer que sempre senti quando estava diante de um livro na minha infância. O contar histórias, durante as aulas que dava para as minhas bonecas, era o momento que eu mais gostava quando brincava de escolinha.

O tempo foi passando e eu cresci, e percebi que minhas bonecas tornaram-se crianças de verdade. Muitas vezes vítimas das estruturas pedagógicas das próprias escolas que estudavam. E por trás de tanta coisa que está presente em uma sala de aula, estava sempre eu, pensando na maior e melhor maneira de fazer com que meus alunos desde os pequeninos até os maiores pudessem sentir o gosto pela leitura. Pudessem saborear um livro e escolher para cada livro o sabor que mais lhe agradasse.

Talvez a primeira leitura para mim é muito mais que apenas
 pensar nos seus conhecimentos, é poder ler e pensar
 nestes, há sempre e sempre a história de
 como se conta no meu mundo de como se conta
 investigação com as coisas do poder, como "Técnicas de Job".
 Com certeza, A Rosa Vermelha, Targuina de Jesus e muitas
 outras. E recordar com vontade as coisas que dão de saber
 de saber para poder voltar a saber de leitura da escola que eu
 estudava quando era do antigo Brasil. E por muitos, vezes se
 conseguem falar por as coisas maravilhosas e as coisas de que
 vezes se dá um tempo de falar alguns livros.

Análise, que o que me inspira a ser professor foi o
 prazer que sempre senti quando estava diante de um livro
 minha infância. O contar, histórias durante as aulas que
 dava para as minhas crianças, era o momento que eu mais
 gostava quando brincava de escutar.

O tempo foi passando e eu cresci e percebi que minha
 prática continuava a crescer de verdade. Muitas vezes, minha
 das em alguns pedagogos das próprias e com as estratégias
 E por isso de tanto contar que está presente em minha vida de
 aulas, estou sempre me perguntando na mente e melhor maneira
 de fazer com que meus alunos tenham os melhores resultados
 manter prazer em ler e gostar pela leitura. Preciso saber
 um livro e escolher para cada livro o autor que eu
 quero.

Minha grande preocupação sempre foi a de não causar nos meus alunos o desgosto pela leitura, simplesmente por ter tido muitas vezes que apresentar a literatura a eles de maneira didática e desprazerosa.

Embora, tendo que respeitar as estruturas de cada escola que já passei, meu desejo sempre foi o de poder cada vez mais abrir as portas do mundo da imaginação de cada criança. Hoje, com um pouco mais de experiência, vejo que algumas desvantagens que tenho em minha vida é: ser impulsiva com a intensidade que na maioria das vezes sou e muitas vezes não conseguir ficar calada diante de tantas idéias arcaicas que muitos diretores de escola têm e não submeter-me a realizar tais tarefas bobas e desinteressantes com meus alunos.

Uns podem até dizer ser um grande problema, mas eu não vejo problema tão grande assim, a questão está no meu hábito comum de sempre tentar burlar as regras que dizem respeito a literatura infantil, já que na maioria das vezes começar um diálogo não tem resolvido muito meus desejos atualmente.

Não vou negar que no começo, era uma professora bem mais "formiga" do que "cigarra". Muitas vezes, cometi erros que hoje me fazem pesquisar e refletir. Mas mesmo ainda muito quietinha, dentro de mim havia algo que sempre me dizia: "AMARELADA DE MEDO, NÃO!" E eu sempre quis fazer com a Simone educadora, como fez a Chapeuzinho Amarelo. Deixar todos os medos e inseguranças de lado e poder enfrentar. É acho até que já enfrentei demais! Então, ousou dizer que foi o Chico Buarque quem contribuiu para que eu começasse a

burlar as regras dessa tradicional pedagogia que limita o aluno até mesmo de pedir: Tia, conta outra vez! Agradeço muito a ele. Pois o admiro por sempre ter tido coragem de enfrentar.

Mas agradeço também, a formação que venho tendo aqui na universidade, agradeço a alguns especiais professores, que me fizeram enxergar a educação com um outro olhar. Me ensinaram a refletir antes de agir. E agora refletindo um pouco mais, consigo "burlar as regras" com mais descrição. Hoje, ao invés de apenas questionar, conto para meus amigos de trabalho a história de Chapeuzinho Amarelo ou a história da Cigarra e a Formiga. E deixo minha dica no ar para os espertos.

Continuo agradecendo a esses especiais professores, que certamente sempre serão lembrados por mim, porque junto com a Chapeuzinho Amarelo, levaram-me a pensar novas práticas. Meus alunos não precisam efetivamente fazer alguma coisa com aquilo que leram!

Eles não precisam de nenhum projeto Vai e Vem que exige tarefas sobre cada livro lido, para aprenderem a gostar de ler, porque o texto literário por si só, os enriquecem, os fazem crescer.

Eu enquanto professora leitora, apenas quero que meus alunos quando lerem ou ouvirem uma história, possam se emocionar com ela, possam "tomar o pó de pirlimpimpim e

adentrar pelo universo fantástico e maravilhoso” (ABRAMOVICH, 1995:6), eu apenas quero, que ao final de cada história que eu contar, eles possam pedir sem medo para mim ou para qualquer outro contado:

TIA, CONTA OUTRA VEZ!



Pois há muitos livros deliciosos!

ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura infantil - gostosuras e bobices*. 5ª. ed. São Paulo: Scipione, 1995.

_____. *Literatura infantil e juvenil na escola*. In: *Catálogo Infantil da Formato*. Belo Horizonte: Formato, 1997.

ABRAMOVICH, Fanny & VIANA, Viviana de Assis. *De volta às escrituras*. In: *Presença Pedagógica*, maio/junho 1995. Belo Horizonte: Dimensão, 1995.

BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas I: Magia e técnica. Arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura Infantil - teoria, análise e didática*. São Paulo: Ática, 1993.

FREIRE, Paulo. *A Importância do Ato de Ler*. São Paulo: Cortez, 1982.

_____. *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

_____. *Pedagogia da Esperança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

HOLANDA, Chico Buarque. *Chapeuzinho Amarelo*. 2ª. ed. São Paulo: José Olímpio, 1997.

KHÉDE, Sônia Salomão. *Literatura Infanto Juvenil - um gênero polêmico*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1996.

LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. 2ª. ed. São Paulo: Ática, 1994.

MORAIS, Jaqueline de Fátima dos Santos. *Histórias e narrativas na educação infantil*. In: GARCIA, R.L. (org). *Crianças - essas conhecidas tão desconhecidas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

MACHADO, Ana Maria. *Contra Corrente - conversas sobre literatura e política*. São Paulo: Ática, 1999.

_____. *Texturas - sobre leituras e escritos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

LOBATO, Monteiro. *O Pica Pau Amarelo*. 6ª. Ed. São Paulo, 1984.

SAMPAIO, Carmen Sanches. *Alfabetização na Pré-Escola*. In: *Revistando a Pré-Escola*, org. GARCIA, Regina Leite. São Paulo: Cortez, 1993.

SERRA, Elizabeth D'Angelo. *30 anos de literatura para crianças e jovens - algumas leituras*. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, ALB, 1998.

SILVA, Ezequiel Theodoro. *A Criança e a Leitura: da obrigação ao lazer*. In: *Leitura: teoria x prática*. 4ª Bienal Nestlé de Literatura Brasileira, São Paulo, 1988.

SORRENTI, Neusa. *A hora e a vez da literatura infantil*. In: *Presença Pedagógica*, maio/junho 1995. Belo Horizonte: Dimensão, 1995.

VARLOTTA, Yêda M. da Costa. *Literatura infantil nas séries iniciais: desafio à reflexão ou possibilidade de trabalho*. In: *Leitura teoria & prática - revista semestral da Associação de Leitura do Brasil*. Ano 6. Nº 09. Campinas, São Paulo: ALB / Mercado aberto, junho 1987.

ZACCUR, Edwiges. *A magia da linguagem*. Rio de Janeiro: SEPE, 2000.

ZIRALDO. *O Menino Maluquinho*. 8ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 1980.

ZIRALDO. *Uma professora muito maluquinha*. 2ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 1995.